

Palavras iniciais

A Revista LEETRA Indígena, volume 26, com o título *“Olhares femininos e outros textos”*, apresenta uma variedade de textos em que nove deles possuem autoria ou coautoria feminina; em um deles, a autora, do povo dessano, traz à tona, além de seu próprio olhar, aquele de sua avó paterna, e um deles, a resenha, diz respeito a doze escritoras indígenas. Vinte e quatro olhares femininos, direta ou indiretamente, estão aqui presentes, abrindo nossa coletânea de textos.

“A força das narrativas de jovens mulheres indígenas em tempos de pandemia” nos contempla com as narrativas de três estudantes indígenas da UFSCar a respeito das dificuldades enfrentadas pelos povos Baniwa, Baré e Pankararu em meio à COVID-19. Baseado em relato de experiências, o artigo nos contempla com reflexões sensíveis que traçam o vínculo entre as acadêmicas indígenas, distantes de suas comunidades, e o sofrimento pelo qual passaram seus povos, como bem nos apresenta este trecho: *“Sobreviver ao genocídio é prática constante no cotidiano indígena, desde a colonização. Contudo, as vicissitudes do momento pandêmico trouxeram à tona inúmeras fragilidades dos vínculos culturais e comunitários em cada aldeia, assim como a força para o enfrentamento das situações de ameaça à vida de seus povos”*.

Carla Lucia Sarmiento Fernandes, indígena do povo Dessano, em relato autobiográfico, constrói texto memorialístico e destaca: *“a importância da minha avó paterna na minha formação como uma mulher indígena que atualmente sou; assim como eu, muitas mulheres indígenas foram criadas e educadas por suas avós”*.

Elenilda Barbosa Mendes destaca a importância da inserção da Literatura Indígena Brasileira no currículo escolar e acadêmico por meio de relato de experiência de ensino com alunos de cursinho pré-vestibular em que pôde sensibilizá-los a respeito da importância dessa literatura *“para a reflexão das construções de identidade e pertencimento étnico através da ficção”*.

Ananda Machado apresenta-nos a versão em inglês de seu texto *“Das Terras de Makunaîmî para o Mundo”*, a ser publicado em breve como parte de coletânea *“Descolonizando as Palavras”*, na qual podemos ler: *“Com direito adquirido não se mexe, assim como há que se garantir o cumprimento da legislação. Já chega de a população indígena sofrer tantos ataques violentos e invasões”*, palavras que aqui

Enough is enough with the indigenous population suffering so many violent attacks and invasions”.

Cristhyan Emanuel Monteiro Gomes reflete sobre a presença de elementos “*da práxis xamânica, do perspectivismo ameríndio e da instituição do sonho*” na obra “*Meu Vô Apolinário*”, de Daniel Munduruku.

João Paulo Ribeiro apresenta a proposta de uma sequência didática que pode ser adequada tanto para o Ensino Fundamental, como para o Ensino Médio, com vistas à sensibilização dos estudantes com relação à cosmologia indígena, dentro de “*um entrelaçamento próprio de uma ação pedagógica para que o homem se perceba como parte da terra, e não separado dela*”.

O texto *Trajetórias Socioespaciais das Mulheres Panhã: Protagonismo e Sabedorias Ancestrais*, de Carina Alves Torres, Desirée de Oliveira Pires e Maria Aparecida Pereira da Silva, traz uma análise etnográfica das mulheres Apinajé no norte do Tocantins, destacando suas trajetórias socioespaciais entre 2019 e 2020. As autoras evidenciam como afetividade e parentesco estruturam a presença dessas mulheres em diferentes espaços sociais, da cidade às festividades e práticas coletivas. As trajetórias revelam a ancestralidade inscrita nos corpos e na cosmovisão Panhã, reafirmando o protagonismo feminino na resistência e na preservação cultural.

Maria Laura Brito Ortis, no artigo *Educação Indígena Kaingang: Mediações, Histórias e Memórias* (Canela/RS), analisa o processo de preservação de saberes e culturas do grupo Kaingang de Canela/RS por meio de mediações, com base na História Oral.

Xipu Puri nos contempla com a bela narrativa “*A antiga serpente que encantou o mundo*”, enquanto Xamum Puri nos apresenta poemas bilíngues kwaytikindo/ português.

Gabriel José Marques e Gleys Ially Ramos apresentam resenha crítica da antologia feminina de literatura indígena, de 2023, organizada por Truduá Dorrico e Maurício Negro, que descrevem como “*espaço de resistência e resignificação, onde doze autoras – Auritha Tabajara, Bruna Karipuna, Chirley Maria Pankará, Eliane Potiguara, Glicéria Tupinambá, Lidiane Damaceno Krenak, Márcia Mura, Naine Terena, Simone Karajá, Telma Taurepang, Truduá Dorrico e Vanessa Kaingang – tecem narrativas enraizadas em cosmovisões ancestrais*”.



Fechamos, assim, com grande contentamento pela jornada trilhada, nossas publicações deste ano de 2025.

Maria Sílvia Cintra Martins
Professora Sênior do DL/UFSCar